



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem
Brasil

Guimarães Silva, Maria Regina; Claramonte Gallian, Dante Marcello
A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939-1942)
Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 62, núm. 2, abril, 2009, pp. 317-322
Associação Brasileira de Enfermagem
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019600025>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939-1942)*

The Nursing School of Hospital São Paulo and its first curriculum (1939-1942)

La Escuela de Enfermería del Hospital de São Paulo y su primer curriculum (1939-1942)

Maria Regina Guimarães Silva¹, Dante Marcello Claramonte Gallian¹

¹Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Enfermagem. Escola Paulista de Enfermagem. São Paulo, SP

Submissão: 30/07/2008

Aprovação: 23/02/2009

RESUMO

O modelo educacional adotado no Brasil, advindo da escola nithingaleana não contemplava a realidade da saúde brasileira na década de 30, período de fundação da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP). O artigo resume a pesquisa que teve como objetivo descrever e analisar o processo de criação e elaboração do primeiro currículo da EEHSP, construído a partir de uma abordagem histórica, tendo como recurso metodológico a pesquisa qualitativa. Foram realizadas análises documentais de fontes primárias e secundárias, além de entrevistas com personagens ligadas aquela instituição. Verificou-se o importante papel da Escola Paulista de Medicina (EPM) na criação da EEHSP, particularmente na figura de docentes e diretores envolvidos com seus cursos, assim como a participação decisiva de religiosas católicas. Constatamos que o desenho deste primeiro currículo foi pautado no modelo educacional da Escola Anna Nery, tida como a escola padrão à época.

Descritores: Escolas de enfermagem; História da Enfermagem; Currículo/educação.

ABSTRACT

The educational model adopted in Brazil, from nithingaleana school didn't contemplate the reality of Brazilian health in 30's, period of the nurse's School from São Paulo Hospital foundation (EEHSP). The article is about a research that had the objective to describe and to analyze the creation process and elaboration of the first curriculum of EEHSP, made from a historical approach, having the qualitative research as a methodological resource. Documental analyses of primary and secondary sources were accomplished, besides interviews with characters relationed with that institution. The important paper of the School From São Paulo of Medicine (EPM) was verified in the EEHSP creation, particularly in the teachers' illustration and directors involved with their courses, as the decisive participation of Catholic nuns. We verified that the drawing of this first curriculum was ruled from the educational model of Anna Nery school, it had been seen as the model school according to the era.

Descriptors: Nursing schools; Nursing history; Curriculum/education.

RESUMEN

El modelo educacional adoptado en Brasil, venido de la escuela nithingaleana no contemplaba la realidad de la salud brasileña en la década de 30, período de fundación de la Escuela de Enfermeras del Hospital São Paulo (EEHSP). El artículo resume la búsqueda que tuvo como objetivo describir y analizar el proceso de creación y elaboración del primer curriculum de EEHSP, contraído a partir de un abordaje histórico, teniendo como recurso metodológico la búsqueda caritativa. Fueron realizadas análisis documentales de fuentes primárias y secundárias, además de entrevistas con personajes relacionados aquella institución. Verifícase el importante papel de la Escuela Paulista de Medicina (EPM) en la creación de EEHSP, particularmente en la figura de docentes y directores envueltos con sus cursos, así como la participación decisiva de religiosas católicas. Constatamos que el esbozo de esto primer curriculum fue pautado en el modelo educacional de la Escuela Anna Nery, tenida como la escuela padrón a la época.

Descriptores: Escuelas de enfermería; História de la enfermería; Curriculum/educación.

* Artigo extraído da dissertação de Mestrado Ensino em Ciências da Saúde da UNIFESP, sob a orientação do Prof Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian e co-orientação da historiadora Márcia Regina Barros da Silva.

INTRODUÇÃO

A Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP), iniciou suas atividades em 1 de março de 1939 e foi a primeira instituição de ensino de enfermagem em nível superior da cidade de São Paulo, logo assumindo papel de destaque na área. A EEHSP visava institucionalizar a idéia do ensino que já vinha sendo implementada, pelo menos desde 1923, ano de criação da escola de Enfermagem Ana Nery na capital federal, Rio de Janeiro. Esta escola passou a ser o padrão de referência para a implantação do ensino de enfermagem no Brasil de 1931 até 1949.

O estudo do processo de elaboração do seu primeiro currículo, e de seus desdobramentos posteriores não apenas justifica-se pela sua indiscutível importância histórica, mas também porque pode se apresentar como um *exercício privilegiado* para o entendimento dos fatores políticos, sociológicos e culturais que interagem neste fenômeno tão intrigante que é a construção de um novo curso. Nosso estudo pretendeu realizar uma identificação inicial das pessoas, grupos e instituições envolvidas e seus propósitos. Nosso objetivo foi analisar as “matrizes” e as discussões que nortearam a elaboração do primeiro currículo da EEHSP.

Esta pesquisa pretendeu não apenas contribuir para a preservação, divulgação e interpretação da memória histórica da enfermagem no Brasil, como também para a compreensão do currículo enquanto fenômeno social, político e cultural, dado essencial para todos os profissionais envolvidos de alguma forma nos processos de reflexão sobre o ensino nas áreas das ciências da saúde. Num momento em que as escolas de enfermagem brasileiras passam por constantes mudanças, à luz das novas propostas curriculares, principalmente quanto aos currículos mínimos dos cursos de enfermagem, estabelecidos pelo Parecer do MEC nº 314 e na Portaria nº 1721/94, estudar os processos de implantação e constituição de currículos desde uma perspectiva história apresenta-se, sem dúvida, como uma importante contribuição reflexiva.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo histórica. A pesquisa documental deste trabalho foi realizada, basicamente, no arquivo histórico da própria instituição. Tal acervo é composto por diferentes materiais, livros-atas, documentos administrativos, correspondências, fotos, manuscritos, folhetos, jornais e periódicos, que compõem um quadro abrangente da criação do curso em questão.

Como indica a boa prática de investigação, submetemos esses documentos a avaliação histórica com o propósito de validar sua autenticidade, sua origem, classificação e autoria, de acordo com o que recomenda Certeau⁽¹⁾.

Como descreve Le Goff⁽²⁾, “o documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador (...) é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado”. Esta visão crítica é fundamental para que se estabeleça uma análise, que mais do que julgar contextualize e explique historicamente as decisões e caminhos percorridos numa pesquisa documental.

A maior dificuldade encontrada no trabalho de pesquisa no acervo histórico da Escola de Enfermagem foi a carência de tratamento arquivístico adequado do seu material, o que prejudica não apenas a pesquisa em si, mas a própria manutenção da

integridade dos documentos do acervo. Desta forma, um trabalho desta natureza deve servir também para enfatizar a difusão de uma filosofia de preservação da memória da Enfermagem brasileira que pode contribuir para uma conduta coerente com os objetivos de um arquivo histórico.

Inclui-se como recurso metodológico, além da pesquisa no arquivo histórico do hoje Departamento de Enfermagem da UNIFESP, uma visita à Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), que atualmente faz parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cujo modelo curricular foi adotado na EEHSP.

A história oral foi utilizada como meio facilitador da interpretação dos documentos encontrados, tomando-se o depoimento de uma enfermeira religiosa, Madre Áurea Vieira da Cruz, aluna da primeira turma da EEHSP, formada em 1942.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A criação da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo

A criação da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP) está intrinsecamente relacionada com a história da Escola Paulista de Medicina (EPM), visto que na concepção de seus fundadores, a enfermagem deveria garantir qualidade técnica à equipe de assistência e suprir a carência de enfermeiras no hospital, o que atenderia também às exigências da nova escola médica⁽³⁾. Nesse período, a Escola de Enfermeiras contou com a orientação filosófica e caritativa das fundadoras, as madres francesas Franciscanas Missionárias de Maria, contratadas para esse fim pelo arcebispo paulistano D. José Gaspar de Affonseca.

A construção do curso de enfermagem da EPM sofreu influência da elite paulistana na definição do perfil das enfermeiras pretendidas, revelando um componente conservador, predominante na sociedade brasileira e paulistana. Tal leitura revela dois estilos propostos de enfermeira para a futura Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo. O primeiro seria formar enfermeiras nos moldes oficiais, em que a eficiência técnica era fator preponderante; e o segundo seria capacitar enfermeiras práticas, que tivessem uma “inclinação pessoal” para a profissão.

O preconceito social encontrado ao dedicar seus cuidados ao corpo alheio impediu, de início, o desenvolvimento de uma enfermagem diferenciada, fundamentada não no voluntariado, e sim, no conhecimento científico⁽⁴⁾.

A Escola deveria ainda formar enfermeiras nos moldes oficiais da Escola Anna Nery, fundada em 1923, anexa à Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, estabelecida pelo governo federal como parâmetro de escola oficial para abertura de novos cursos de enfermagem no Brasil, segundo o modelo norte-americano de prática de assistência em enfermagem⁽⁴⁾.

O perfil proposto baseou-se na competência, nos valores éticos, morais e espirituais que deram o lema inscrito no emblema da Escola “Non vivere nisi ad serviendum”, não viver, senão para servir. Esse perfil caracterizou a enfermeira e a aluna que colocava assistência como prioridade em relação a qualquer outra atividade da vida profissional ou particular e para reforçar esse perfil, foi decidido que somente enfermeiras formadas nessa escola ocupariam cargos de chefia das unidades do hospital e de professores da escola⁽⁵⁾.

Como constatado, a implantação desse modelo de enfermagem, permitia um controle das atitudes das alunas, de modo a favorecer

a formação de um grupo homogêneo, uma vez que o sucesso da profissão estaria condicionado à incorporação de uma bagagem de comportamentos, hábitos, atitudes e valores, considerados como legítimos pelo mundo civilizado.

Ainda segundo Augusto⁽⁵⁾ esse perfil era transmitido às alunas em convivência diária com as professoras, que eram modelos de devotamento e competência, o que para as alunas brasileiras exigia uma grande dose de sacrifício, devido a grande diferença cultural existente entre os dois grupos.

Baseadas nessa concepção, as alunas moravam na Escola em regime de internato e receberiam ajuda financeira para frequentar o curso, em contrapartida deveriam ter dedicação exclusiva ao hospital. Era exigido rigor acadêmico nas disciplinas, sendo valorizado o estudo e a aquisição de cultura geral. Nesse contexto, foi criada uma biblioteca especializada em enfermagem junto às instalações da Escola.

As monitoras prestariam oito horas de serviço, revezando-se durante 24 horas, e desempenhariam, na prática, os ensinamentos dados pelos catedráticos, sendo que cada uma ficaria responsável por um grupo de oito a dez alunas.

Foi proposto pela Comissão de Ensino que a formação profissional e moral das alunas ficariam a cargo das professoras religiosas, que desempenhavam também a função de monitoras, com plena liberdade de ação junto às alunas. Destacaram-se entre essas monitoras as irmãs francesas Marie de Fontenelle, Marie Hermana José e Marie Domineuc, que possuíam certificados da Escola de Enfermagem de Paris. O número de monitoras formadas deveria ser aumentado proporcionalmente à quantidade de alunas matriculadas. Partindo desses princípios, o curso de enfermagem foi consolidado em 12 de fevereiro de 1939 e o início das aulas ocorreu em 15 de março do mesmo ano, concomitantemente ao Curso de Enfermagem Obstétrica, anexo à Cátedra de Obstetrícia da EPM, criado para enfermeiras já graduadas, ao lado de um curso de auxiliares técnicos de laboratório. Cita-se da ata de fundação:

Aos 12 dias de fevereiro de 1939, na sala da Biblioteca da Escola Paulista de Medicina, na rua Botucatu, 720, na cidade de São Paulo, às 14 horas, reuniram-se o professor Álvaro Guimarães Filho, vice-diretor da Escola Paulista de Medicina e representando o Prof. Dr. Álvaro de Lemos Torres, diretor dela, o Prof. Dr. Pedro de Alcântara, representando a Congregação da Escola Paulista de Medicina, a Madre Maria de Saint Hermeland representando o Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria, e a Madre Maria Domineuc, enfermeira diplomada desse Instituto, para deliberar sobre a fundação da Escola de Enfermeiras já em projeto e anexa à Escola Paulista de Medicina (...) de acordo com autorização dada pela Congregação da Escola Paulista de Medicina em 3 de outubro de 1938, deliberaram os presentes que os cursos da Escola de Enfermeiras se iniciassem no dia 1º de março próximo futuro, indicando para a direção interina ou contratada dessa Escola a Madre Maria Domineuc e confiando a orientação científica dos Cursos aos Professores da Escola Paulista de Medicina e a sua realização técnica às monitoras do Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria. Foi finalmente resolvido que a administração e os cursos da Escola de Enfermeiras funcionassem em salas do prédio novo do Hospital São Paulo (...)⁽⁶⁾.

O Conselho Diretor da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo foi constituído pelo diretor e professora da EPM, o médico

Álvaro de Lemos Torres; pelo vice-diretor, o professor de obstetrícia Álvaro Guimarães Filho, pela diretora da Escola de Enfermeiras, Madre Maria das Dores, por dois professores, Pedro de Alcântara e João Moreira da Rocha e por duas monitoras, Madre Maria Domineuc e Madre Maria de Fontenelle. Os professores eram indicados pelo diretor da Escola Paulista de Medicina, e as monitoras pela diretora da Escola de Enfermeiras.

Naquele momento, a Escola Paulista de Medicina possuía sede própria na Vila Clementino, e neste mesmo imóvel estava sendo construído o grande Hospital São Paulo, que contaria com 14 pavimentos e uma lotação prevista de 1200 pacientes, o que já indicava, certamente, a necessidade futura de profissionais competentes para a coordenação dos seus serviços.

O Regimento Interno da Escola⁽⁷⁾, estabelecido em conformidade com o Decreto Federal⁽⁸⁾ nº. 20.109 de 15 de Junho de 1931, que regulava o exercício da Enfermagem no Brasil, fixou as condições para a equiparação das escolas de enfermeiras.

Para o ingresso na Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, era exigido das candidatas certidão de nascimento, documentos que comprovassem ser brasileira ou naturalizada, atestado de vacina recente contra varíola e febre tifóide, certificado de ensino secundário (curso fundamental), atestado de idoneidade moral, no caso de viuvez, documentos comprobatórios, atestado do pai, responsável ou tutor apresentando a candidata, juntamente com um atestado médico e odontológico. Na ausência de qualquer documento que pudesse comprovar que a aluna tivesse completado os estudos requeridos seria aceito um atestado de experiência anterior em serviço clínico, hospitalar, educativo ou comercial.

Os pedidos de admissão eram dirigidos à diretora da Escola e, sempre que possível, pessoalmente. Caso a candidata não possuísse atestado ou diploma de curso fundamental poderia ser submetida a um exame preliminar perante uma comissão de três professores da Escola, exame esse constando das seguintes matérias: português, matemática, geografia, história do Brasil, física, química e história natural.

O ano escolar, de 11 meses, iniciava-se em primeiro de março e terminava em 15 de fevereiro do ano seguinte. Nos casos de ausência de mais de 8 dias por motivo grave, era possível às alunas a compensação em forma de estágio.

O curso tinha em média 12 horas de atividades diárias, incluindo sábados e domingos e uma carga horária total de 4200 horas, com duração de 03 anos e apenas 15 dias de férias anuais. Conforme mencionado em ata⁽⁹⁾, no primeiro semestre letivo do curso (1939), matricularam-se 14 alunas no curso de obstetrícia e 2 no curso de enfermagem, sendo que deixaram de frequentar a Escola 5 alunas do curso de enfermagem obstétrica.

Segundo o Regimento Interno⁽⁷⁾ da EEHSP, as atividades práticas de enfermagem eram desenvolvidas no Hospital São Paulo, onde as alunas assumiam toda o trabalho de assistência, durante as 24 horas sob supervisão das professoras religiosas. O que facilitava este sistema era o fato das alunas residirem nas dependências do Hospital.

As aulas teóricas e teórico-práticas do ciclo básico, chamado preliminar, eram realizadas nas mesmas salas de aulas e laboratórios do curso médico. As consultas bibliográficas e estudos eram realizados em biblioteca específica da área, sendo que as alunas também utilizavam a do curso médico.

Os professores de medicina que ministravam as aulas para as alunas do curso de enfermagem demonstravam exigir destas o mesmo nível de conhecimento dos alunos de medicina. A Escola ainda oferecia cursos extracurriculares, tais como, geografia econômica, geografia humana, história das civilizações, história das artes, história da filosofia, religião e promovia atividades culturais como concertos musicais, conferências sobre assuntos gerais, entre outros.

No relatório do ano escolar de 1939, a Madre Domineuc referia dificuldades nos estudos das alunas, que apresentavam além da fadiga rápida, “defeitos de educação”, em geral, e de adaptação à vida comum.

A superiora e as religiosas diplomadas recebiam uma gratificação mensal de 200\$000 (duzentos mil réis) e as outras irmãs, 120\$000 (cento e vinte mil réis) mensais. As irmãs tinham alojamento independente, convenientemente mobiliado, com uma capela localizada no terceiro andar do Hospital para as religiosas e alunas enfermeiras, com direito à alimentação, lavanderia, e em caso de moléstia, direito à assistência, tratamento médico e à medicação indicada. Tinham 15 dias de férias anuais, competindo à superiora determinar o período dessas férias, a fim de manter o serviço em plena regularidade⁽¹¹⁾.

Em julho de 1939, os membros do Conselho Técnico Administrativo da EPM criaram bolsas de estudos para as alunas de enfermagem, facilitando assim, a continuidade dos estudos para aquelas que tinham dificuldade em pagar as mensalidades. Neste mesmo mês, madre Domineuc reorganizava o internato, a princípio no imóvel da rua Loefgreen, nº 67, e, mais tarde, à rua Napoleão de Barros, nº 82, próximo ao Hospital e junto à residência das madres⁽⁷⁾.

No mês de novembro, o Conselho Diretor da EEHSP reuniu-se para designar como diretora da escola a Madre Maria das Dores, enfermeira diplomada pela Escola Anna Nery cujo nome civil era Lygia Rabello Dias, do Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria⁽¹²⁾.

As escolas oficiais de enfermeiras que desejavam equiparar-se à Escola Anna Nery deveriam preencher requisitos para o reconhecimento do Governo Federal, de acordo com o estatuto no Decreto Federal 20.109 de 15/06/1931⁽⁸⁾. As escolas deveriam dispor, além de hospital em que pudesse ser dada a instrução prática de enfermagem incluindo serviço de cirurgia, medicina geral, obstetrícia, doenças contagiosas e pediatria, com o mínimo de 100 leitos, era obrigatório também que a teoria e prática de enfermagem fossem sempre dirigidas por enfermeiras diplomadas.

O Currículo da EEHSP e seu Contexto Histórico

Nessas três últimas décadas o campo de estudo sobre História do Currículo (HC), vem sendo discutido principalmente na Inglaterra e América do Norte. Sob a ótica de Saviani⁽¹³⁾, a organização curricular é o desenho da “espinha dorsal” de cada disciplina ou área de conhecimento, significando a compreensão dos processos de assimilação/apropriação do conhecimento e o domínio dos mecanismos pelos quais se exerce a ação mediadora entre eles. Sua organização não está dissociada do espaço físico e humano da escola, nem do meio cultural e social do aluno; pois estes são elementos que tanto podem ser motivadores, quanto inibidores da aprendizagem do aluno e do trabalho educativo⁽¹⁴⁾.

O currículo é parte fundamental na formação do enfermeiro e enfermeira e a organização disciplinar um componente dessa estrutura curricular. O planejamento e a organização curricular possuem uma direção vertical, que pode ser representada pelas disciplinas, e uma direção horizontal, que se concretiza através dos componentes do processo didático-pedagógico em diferentes níveis de sistematização⁽¹⁵⁾.

Os estudos sobre a História do Currículo criticam sua confecção descontextualizada, destacando a falta de moldura histórica, o que leva a uma visão estática da escola e essa maneira de elaborar o currículo não consegue dar conta da realidade escolar. A História do Currículo critica ainda os estudos curriculares que privilegiam fortemente os aspectos estruturais da sociedade, comentando que se perdem de vista, nesse caso, as características específicas das escolas⁽¹⁶⁾.

O currículo, como resultado de um processo social, expressa também a forma como certas questões são definidas como “*problemas sociais*”: a educação institucionalizada representaria uma condensação da sociedade, na qual os diferentes grupos sociais refletem e projetam suas visões e expectativas, através da tradução, da translação e do transporte das temáticas e das questões envolvidas⁽¹⁶⁾.

O primeiro currículo da EEHSP teve seu ensino centrado no modelo biomédico e numa clientela institucionalizada, onde o enfoque majoritário priorizava as situações patológicas. Esse estilo adotado difere do atual, pois a nosso ver impossibilitava a formação de uma enfermeira crítica, reflexiva, competente e transformadora da realidade, o que, atualmente, tornou-se grande preocupação para os enfermeiros envolvidos com projetos educacionais⁽¹⁷⁾.

Na década de 30 as disciplinas que compunham o currículo EEHSP eram voltadas para a esfera hospitalar, com ampla carga-horária de estágio, sendo que a estrutura de formação acompanhava o modelo tradicional de educação. O primeiro processo de mudança ocorreu no ano de 1949, através do Decreto n.27.426⁽¹⁸⁾. No primeiro currículo as ações pedagógicas estavam centradas nos professores, na transmissão de conteúdos, na avaliação somativa, com enfoque na área cognitiva, ou seja, memorização de conteúdos teóricos, o que muitas vezes pode descontextualizá-los das situações reais.

O primeiro modelo curricular da EEHSP, desenhado por seus diretores, propunha um curso com duração de dois anos e quatro meses, cuja carga horária perfazia um total de 5.198 horas. Tal modelo perdurou até a terceira turma de alunas, quando passou para um total de 36 meses, seguindo assim as exigências legais em vigor. Tal proposta contemplava as seguintes disciplinas e respectivas cargas-horárias (Quadro 1).

Este currículo foi pautado no modelo americano sem que houvesse discussão anterior sobre as necessidades sociais e políticas emergentes, necessárias para a confecção de um modelo curricular adequado às necessidades da realidade de saúde brasileira daquela época. O modelo de assistência de enfermagem seguiu o modelo médico individualista e curativo predominante, que se moldava muito bem às exigências do ensino das áreas de saúde de modo geral, e do curso médico da EPM de forma particular.

Verifica-se que esse currículo continha disciplinas ainda hoje lecionadas no ciclo básico, com algumas alterações de nomenclatura, cuja carga horária de estágios práticos somava 3.016 horas⁽¹⁹⁾.

CURSO PRELIMINAR		PRIMEIRO ANO		SEGUNDO ANO	
Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária
Anatomia	302	Patologia geral	19	Doenças infecto-contagiosas	6
Bacteriologia	128	Patologia interna	80	Enfermagem em doenças infecto-contagiosas	11
Nutrição	137	Patologia externa	60	Obstetrícia normal	49
Técnica de Enfermagem	345	Enfermagem em patologia interna	26	Enfermagem obstétrica	10
Drogas	79	Enfermagem em patologia externa	37	Pediatria	44
Higiene individual	51	Matéria médica	35	Ginecologia	23
Química aplicada	183	Higiene Mental	53	Técnica de sala operatória	5
História da Enfermagem	55	Dietética	8	Ginástica	70
Ética	81	Massagem	20	Estágio Prático no Hospital	1148
Ginástica	105	Ginástica	88	TOTAL	1366
Ataduras	72	Estágio Prático no Hospital	1448		
Estágio Prático no Hospital	420	TOTAL	1874		
TOTAL	1958				

Quadro 1. Primeiro currículo da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente várias Escolas de Enfermagem fazem estudos para melhorar o currículo de seus cursos e modificar o quadro hegemônico de ensino baseado numa visão curativa e hospitalar das doenças. Essa situação reflete o estado geral na área da educação em enfermagem, onde os currículos que antes dos anos 1930 enfatizavam a saúde pública, e que passaram a privilegiar o ensino especializado e a assistência curativa. Embora os currículos dos cursos de graduação sejam pautados no conhecimento da totalidade do trabalho de enfermagem, os enfermeiros e enfermeiras encontram-se afastados da possibilidade de reflexão e crítica sobre o fazer, porque, em muitos casos, e em geral são alheios a essa prática na vida profissional⁽²⁰⁾.

O modelo curricular que foi adotado na Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP), com discussões que envolveram mais os professores médicos e as enfermeiras religiosas não priorizou a existência de outros atores envolvidos neste processo. Tal proposição levava a estudante de enfermagem a uma postura predominantemente passiva, não sendo considerada como agente do próprio auto-aprendizado ou agente de mudança, como as discussões atuais enfatizam. Apesar disso, percebe-se, por outro lado, que os dirigentes da EEHSP manifestavam bastante preocupação não somente com a parte teórica e prática das futuras enfermeiras, mas também com a sua formação humanística, na medida que tal atitude era indicativa do esforço em desenvolver uma maior relação entre as profissionais formadas e os pacientes atendidos. Conforme mencionado anteriormente, além da grade curricular adotada, a Escola ainda oferecia cursos extracurriculares, entretanto, a inserção de tais matérias de cunho humanístico era peculiar e complexa se considerarmos que a humanização, mais do

que um conjunto de conhecimentos ou habilidades constitui também uma postura a ser construída ao longo de todo um processo de desenvolvimento profissional voltado para o respeito à identidade individualidade do paciente.

Essa pesquisa buscou compreender o processo de elaboração do primeiro currículo e apontar em linhas gerais como se deu o compartilhar das relações dos agentes envolvidos desde o momento em que surgiu a idéia da criação de uma escola de enfermagem na Escola Paulista de Medicina, que viesse atender a demanda do Hospital São Paulo. Pretendeu-se avaliar as discussões realizadas e quais os atores envolvidos nesse processo, bem como o modelo curricular adotado. Depreendeu-se em primeiro lugar que as discussões para a elaboração desse currículo foram baseadas na noção especializada da saúde (verticalizada), tendo como eixo central o saber dos catedráticos de medicina, o que foi reproduzido no exercício docente das primeiras enfermeiras que exerceram o cargo de professoras daquela escola.

O desenho do primeiro currículo da EEHSP era semelhante ao da escola considerada "padrão oficial", diferenciado apenas por algumas nomenclaturas de disciplinas e com uma carga horária compatível ao número de atividades vigentes na época.

A análise da documentação oficial presente no arquivo histórico do Departamento de Enfermagem da UNIFESP reforça a percepção já apontada pela historiografia e pela própria memória da enfermagem no Brasil, de um "eloquente silêncio das mulheres em meio à assembléia dos homens" – título este da tese de mestrado¹ apresentada ao programa de pós-graduação "Ensino em Ciências da Saúde" da UNIFESP, cujo resultado geral é agora apresentado. Tal dinâmica, entretanto, demonstra ser mais complexa do que a princípio a documentação oficial parece poder apontar, pois os

espaços de negociação, de reflexão e de revisão de hierarquias podem ser vislumbrados nos interstícios e nos silêncios da documentação. Porém para ir além nesta pesquisa uma abordagem muito mais ampla seria necessária, o que fugiria do escopo inicial

deste trabalho. Com certeza o estudo por nós realizado, mais do que apontar conclusões nos abre para novos questionamentos e análises, o que não invalida as questões já apresentadas mas nos impulsiona para novas perspectivas e caminhos de estudo.

REFERÊNCIAS

1. Certeau M. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2000.
 2. Le Goff J. A história nova. São Paulo: Martins Fontes; 1993.
 3. Silva MRB. Estratégias da ciência: a história da Escola Paulista de Medicina (1933-1956). São Paulo: EDUSF; 2003.
 4. Vianna LAC. Enfermagem: da vida abnegada à auto-determinação profissional. Acta Paul Enferm 2000; 13(esp-pt 1): 17-26.
 5. Augusto M. Resenha histórica do Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina. In: Jubileu de Ouro do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola Paulista de Medicina. 1989 jun; São Paulo (SP), Brasil. São Paulo: EPM; 1989.
 6. Escola Paulista de Medicina. Escola de Enfermagem. Conselho Diretor. Ata da Primeira Reunião. Livro 01, 1939 fev. 12. São Paulo: Escola Paulista de Medicina; 1939.
 7. Escola Paulista de Medicina. Escola de Enfermagem. Regimento Interno. Livro 1, 1939 fev. 12. São Paulo: Escola Paulista de Medicina; 1939.
 8. Ministério da Educação (BR). Decreto Federal nº 20.109 de 15/06/1931. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de enfermeira no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; 1931.
 9. Escola Paulista de Medicina. Escola de Enfermagem. Conselho Diretor. Ata da Segunda Reunião, livro s/n, 1939 jul. 05. São Paulo: Escola Paulista de Medicina; 1939.
 10. Escola Paulista de Medicina. Escola de Enfermagem. Conselho Diretor. Ata da Quinta Reunião, livro s/n, 1940 jan. 30. São Paulo: Escola Paulista de Medicina; 1940.
 11. Escola Paulista de Medicina. Escola de Enfermagem. Contrato firmado entre o Prof. Álvaro Lemos Torres e Madre Maria do Menino Jesus. Livro 01, 1939 mar. 20. São Paulo: Escola Paulista de Medicina; 1939.
 12. Escola Paulista de Medicina. Escola de Enfermagem. Conselho Diretor. Ata da Quarta Reunião, livro s/n, 1939 nov. 09. São Paulo: Escola Paulista de Medicina; 1939.
 13. Saviani N. Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas: Editora Autores Associados; 1994.
 14. Libâneo JC. Didática. São Paulo: Cortez; 1992.
 15. Barreto TVS. O Ensino de administração em enfermagem na formação do enfermeiro: da teoria à realidade [tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1996.
 16. Porto IS. História da experiência de mudança curricular na graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery: 1976 a 1982. [tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1997.
 17. Faustino RLH. Caminhos da formação de enfermagem. Rev Bras Enferm 2003; 56 (4): 343-7.
 18. Ministério da Educação (BR). Decreto Federal nº 27.426 de 14/11/1949. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de enfermeira no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; 1949.
 19. Souza MF. Resenha histórica do Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina. In: Jubileu de Ouro do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola Paulista de Medicina. 1989 jun; São Paulo (SP), Brasil. São Paulo: EPM; 1989.
 20. Geovanini T. História da Enfermagem: versões e interpretações. Rio de Janeiro: Revinter; 2002.
-